

al-'ulyà

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE LOULÉ

nº 14 2014

Separata

A escavação arqueológica
de Loulé
pag. 33 - 40



Escala $\frac{1}{100}$



Plano de fachada

Capitão J. Alves

Loulé, junho de 1913
Eng. J. Alves
Alves

Ficha Técnica

Título: AI-ÚLYÁ

Revista do Arquivo Municipal de Loulé Nº14 - 2014

Publicação Periódica Anual de Divulgação Científica e Cultural

Propriedade: Câmara Municipal de Loulé

Av. Praça da República - 8104-001 Loulé

Tel. 289 400 600

<http://www.cm-loule.pt>

Editor: Arquivo Municipal de Loulé

Rua Cândido Guerreiro, s/n - 8100-681 Loulé

E-mail: revista.ai-ulya@cm-loule.pt

Director: Manuel Pedro Serra

E-mail: pedro.serra@cm-loule.pt

Rua Cândido Guerreiro, s/n - 8100-681 Loulé

Tel. 289 400 846

Concepção Gráfica: Susana Leal

Colaboradores:

Alexandra Pires, Aliete Galhoz, Daniel Norte Giebels, Dennis Graen, Henning Wabersich, Isabel Luzia, João Chagas, Jorge Carrega, Jorge Fonseca, Luis Reis Torgal, Mareike Rind, Maria Teresa Rebelo, Melo Sampaio, Patrícia Palma, Pedro Barros, Samuel Melro e Susana Estrela

Capa: Desenho, de autoria do Arquitecto Alfredo Costa Campos. Lisboa, Junho de 1903. Projecto do Mercado Municipal de Loulé (Alçado norte), Fototeca da CML.

Paginação gráfica: Carlos Carmo

Impressão e Encadernação: Gráfica Comercial - Loulé

www.graficacomercial.com

Depósito Legal: 59729/92

ISSN: 0872-2323

Tiragem: 500 exemplares

Distribuição: Câmara Municipal de Loulé

Data da publicação: 2014

Os artigos assinados são da responsabilidade dos respectivos autores.

Pede-se permuta - piede canje - On demand l'échange - we ask exchange - man bittet um austausch



Câmara Municipal de Loulé

A escavação arqueológica da Casa das Bicas e o edifício do *hammam* de Loulé

Alexandra Pires

Isabel Luzia

A escavação arqueológica da Casa das Bicas e o edifício do hammam de Loulé

Alexandra Pires - Arqueóloga, Câmara Municipal de Loulé

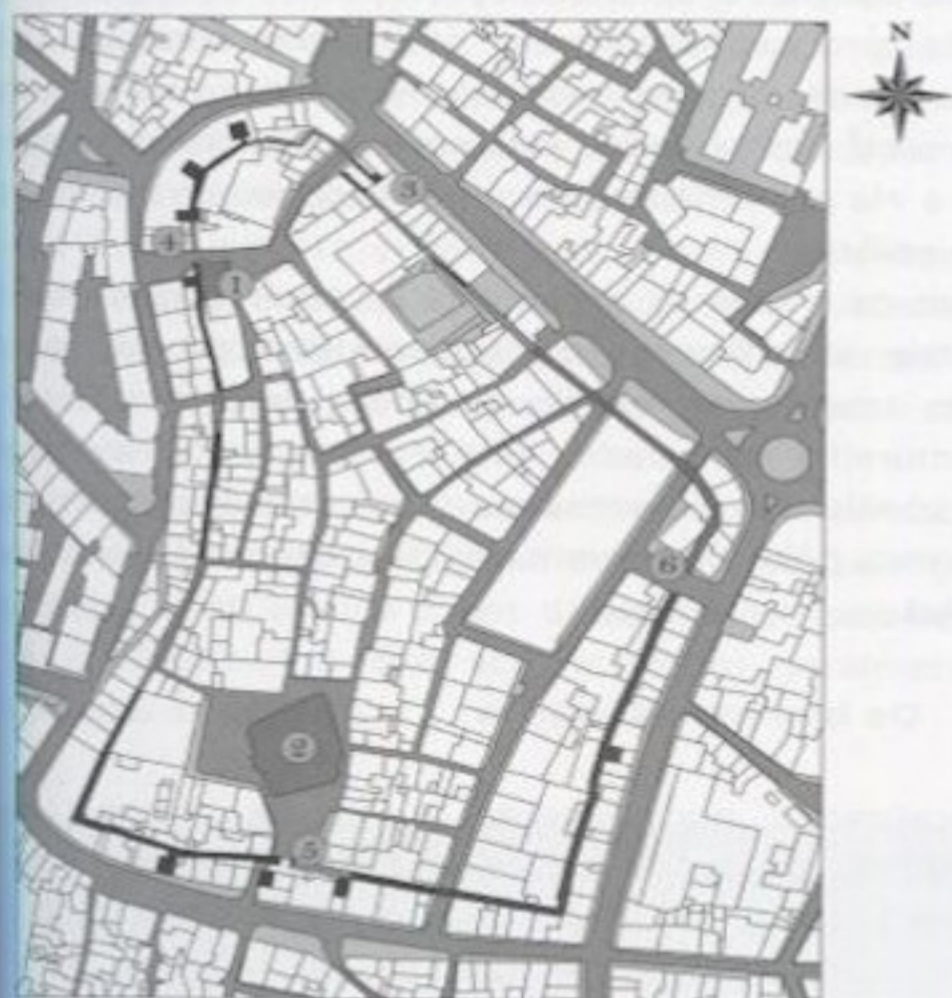
Isabel Luzia - Arqueóloga, Câmara Municipal de Loulé

1. Introdução

O edifício hoje designado por *Casa das Bicas* é pertença da Câmara Municipal de Loulé e conhece trabalhos de arqueologia desde 2006. Situado dentro do perímetro

da Zona de Protecção Especial (portaria nº425/85 de 5 de Julho), na zona nobre da cidade medieval, junto à alcaidaria do Castelo de Loulé, a sua localização deixava antever a importância arqueológica que lhe é hoje reconhecida. Observando a planta do centro histórico era visível que o limite oeste da edificação decalcava o traçado provável da muralha da cidade (Ilustração 1). Eram também conhecidos, através de bibliografia (Martins e Matos, 1985), a presença de 3

Planta do núcleo amuralhado de Loulé com a localização da mesquita e dos banhos públicos



- | | | |
|-----------------------|---------------------|-----------------|
| 1 Edifício dos Banhos | 5 Porta de Portugal | 5 Porta de Faro |
| 2 Mesquita | 4 Porta de Silves | 6 Porta Este |

- Muralha (traçado visível)
- Muralha (traçado comprovado arqueológica ou documentalente)
- Muralha (traçado hipotético)
- Muralha (traçado provável)

Ilustração 1- Localização do edifício dos Banhos Islâmicos de Loulé na planta da cidade medieval



Ilustração 2 – Aspecto das colunas que se encontravam no interior de uma das paredes

maiores poderia haver edifícios de banhos destinados quer ao público feminino, quer masculino. Em alternativa, o mesmo estabelecimento seria utilizado em horário diferenciado por homens e mulheres. Para os crentes muçulmanos a limpeza não é apenas corporal mas também espiritual.

4. O edifício

Os banhos públicos dividem-se em áreas distintas (Ilustração 5 e 6). A sala quente localiza-se mais longe da entrada, para preservar o calor. Esta sala dispõe de um sistema de aquecimento subterrâneo em que o pavimento é assente em pilares (normalmente de ladrilho) que formam condutas para circulação de ar quente, produzido por uma fornalha, que serve igualmente para aquecer uma caldeira com água. A alimentação da fornalha é normalmente feita através de uma sala anexa. As paredes da sala quente apresentam uma grande espessura pois no seu interior existem chaminés que permitem a exaustão dos fumos resultantes do processo de combustão.

Junto à sala quente encontra-se a sala temperada. Esta sala tem também o seu pavimento suspenso, recebendo ainda algum calor proveniente da fornalha, o que faz com que a temperatura neste local seja agradável ao corpo.

A sala fria localiza-se mais perto da entrada. Normalmente a entrada faz-se por um vestíbulo (ou recepção) e em alguns casos directamente pela sala fria. É na sala fria que se encontram geralmente localizadas as latrinas.

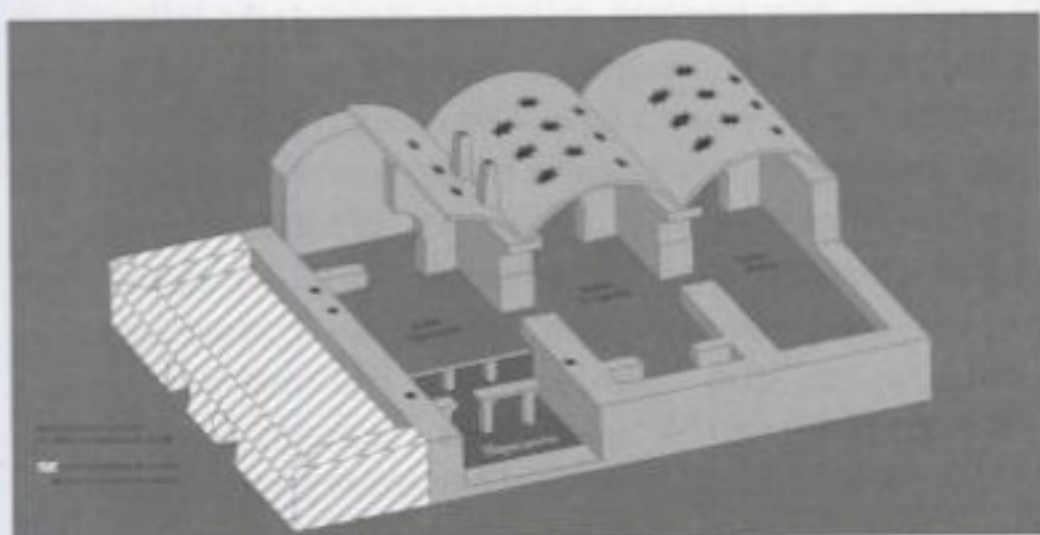


Ilustração 5 - Reconstituição virtual do edifício

5. O Ritual do Banho

O ritual do banho começa na sala quente. Após retirar o vestuário, que é deixado num dos compartimentos de apoio à sala, o cliente recorre a um assistente, que o vem ajudar a molhar-se. Depois começa o banho de vapor. O vapor forma-se vertendo água no chão (que se encontra extremamente quente devido às condutas de ar quente localizadas sob o pavimento), criando uma atmosfera densa e húmida. O pavimento desta sala é tão quente que existem tamancos de madeira à disposição dos clientes para utilização nesta sala. Finalizado o banho de vapor, passa-se à sala seguinte. A sala temperada divide-se em espaços onde se faz esfoliação, depilação, massagens, aplicam-se perfumes e unguentos, trata-se do cabelo e repousa-se. A temperatura desta sala, agradável ao corpo, convida ao descanso e ao relaxamento.

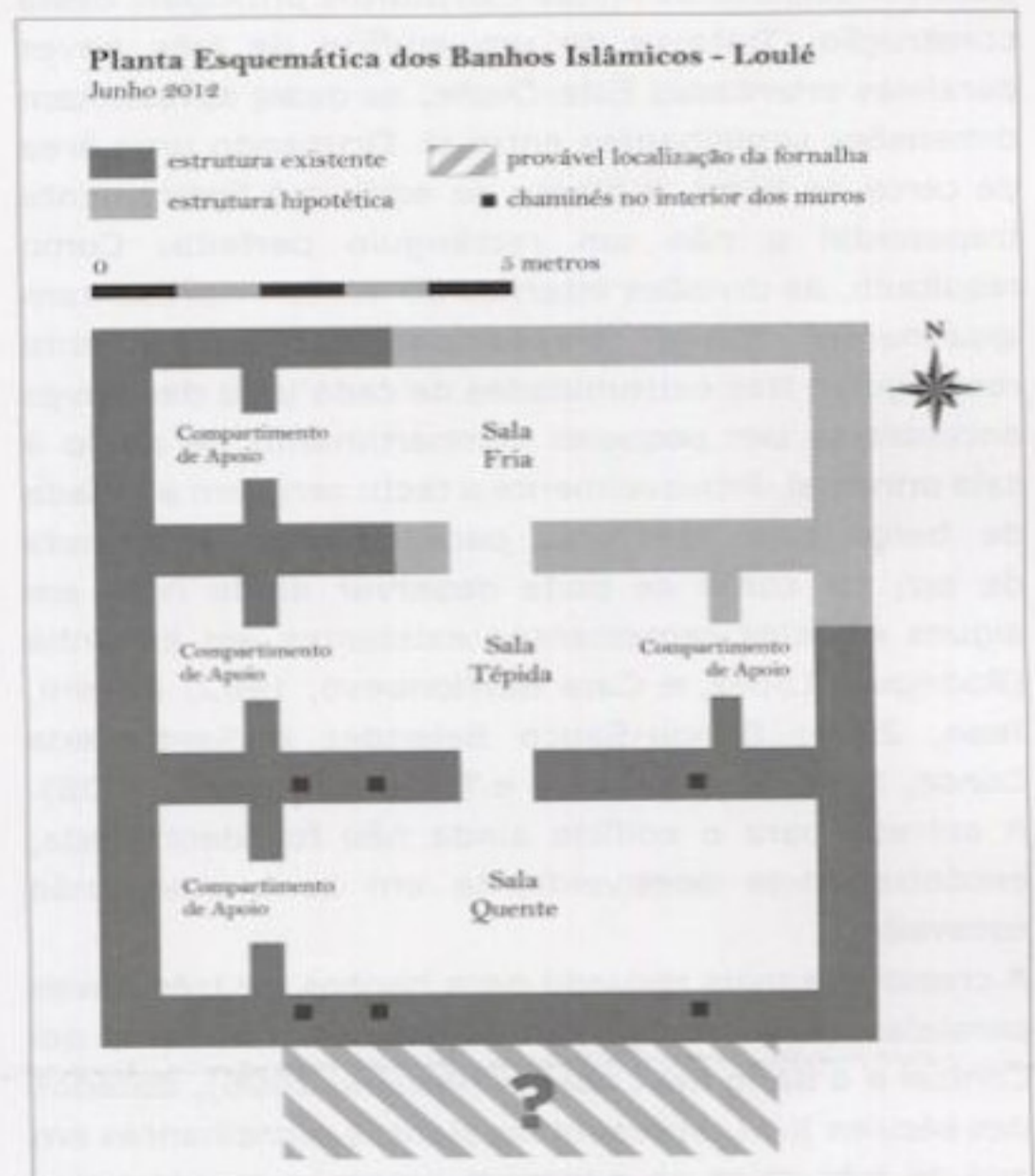


Ilustração 6 - Planta esquemática do edifício dos Banhos Islâmicos

A escavação arqueológica da Casa das Bicas e o edifício do *hamman* de Loulé

Alexandra Pires, Isabel Luzia

entre os quais se encontram os banhos¹. Este tipo de edifícios terá permanecido em utilização no sul da Península Ibérica após a conquista cristã do território, pelo menos até ao século XIV ou mesmo até ao século XV, estando esta utilização tardia documentada em vários casos no país vizinho (Passini, 2007). No caso português, Oliveira Marques defende que os hábitos de higiene, fortemente enraizados, se terão mantido ainda por largos anos após a conquista, um pouco por todo o território (Marques, 1971: 90). A partir daí, à medida que se implantava uma alteração dos hábitos de higiene, os edifícios foram reconvertidos ou desactivados e aterrados, como terá acontecido em Loulé. O espaço foi então aproveitado para novas construções, tal como é habitual na dinâmica de ocupação e renovação do tecido urbano.

¹ [...] igualmente reservo para mim e todos os meus sucessores os açougues fangas e banhos de Loulé e todo o direito do padroado das igrejas construídas e a construir em Loulé e seu termo [...] in Martins, Isilda - O Foral de Loulé de 1266, Câmara Municipal de Loulé, 1989.

A visita ao *hammam* termina na sala fria, onde se faz o enxaguamento, existindo uma ou mais tinas de água fria para uso dos clientes.

6. O *hammam* de Loulé

Os trabalhos arqueológicos até agora desenvolvidos puseram já a descoberto algumas estruturas deste complexo balnear. Actualmente é visível parte da sala quente e grande parte da sala temperada, com os seus pavimentos suspensos sobre as condutas de ar quente, bem como os pequenos compartimentos que serviam de apoio às salas. É igualmente possível observar as chaminés incluídas no interior dos muros que permitiam a exaustão dos fumos. Quanto à sala fria, apenas uma pequena parte se encontra actualmente exposta, estando o resto do compartimento ainda por escavar.

Com os elementos de que dispomos actualmente é já possível delinear as linhas estruturais principais desta construção. Trata-se de um edifício de três naves paralelas orientadas Este-Oeste, as quais apresentam dimensões semelhantes entre si. Ocupando uma área de cerca de 82m², a planta do edifício é ligeiramente trapezoidal e não um rectângulo perfeito. Como resultado, as divisões internas do edifício apresentam igualmente forma trapezoidal, tendencialmente rectangular. Nas extremidades de cada uma das naves encontra-se um pequeno compartimento de apoio à sala principal. Provavelmente o tecto seria em abóbada de berço com aberturas para permitir a entrada de luz, tal como se pode observar ainda hoje em alguns edifícios semelhantes existentes em Espanha (Rodríguez Lopez, e Cara Barrionuevo, 1982; Passini, Jean, 2006; Garcia-Sauco Belendez e Santamaria Conde, 1984; Lopez Osório e Torres Carbonell, 2008). A entrada para o edifício ainda não foi identificada, encontrando-se possivelmente em zona ainda não escavada.

A cronologia mais recuada para banhos de três naves paralelas pode ver-se em Toledo. Aí, o Baño del Cenizal e o Baño del Caballel (Passini, 2006), datados dos séculos X-XI, apresentam plantas semelhantes em que as três salas se adossam umas às outras pelos seus lados maiores e são cobertas por abóbadas de

berço rasgadas por luminárias. Outros edifícios de banhos mais tardios, na cidade de Toledo, acabam por apresentar uma disposição das salas muito semelhante. Este tipo de construção representa uma simplificação do modelo construtivo de outros tipos de banhos, em que existia uma combinação de vários tipos de abóbadas e cúpulas para conseguir cobrir um edifício que dispunha de uma sala principal (sala temperada) quadrada de grande dimensão, á qual se adossavam os restantes compartimentos. A planta com três salas de configuração semelhante simplifica bastante a construção e permite maior rapidez e simplicidade no processo construtivo. Deste modo, edifícios de banhos de cronologia mais tardia apresentam muitas vezes este tipo de planta, existindo uma natural evolução para a simplificação. Acompanhando esta evolução está também a eliminação da porta em arco duplo que marcava a transição entre as salas principais e os compartimentos de apoio, que se torna numa porta simples ou mesmo inexistente, sendo em alguns casos esta transição apenas marcada por um degrau no pavimento.

O edifício do *hammam* de Loulé terá sido alvo de reparações ao longo do tempo que se manteve em uso. Estas reparações podem ver-se no pavimento em pedra (que se encontra substituído em grande parte por ladrilhos de barro) e no reboco das paredes onde pode observar-se uma sobreposição de diferentes argamassas que documentam acções de reparação e manutenção.

7. Considerações finais

O edifício dos banhos públicos da cidade islâmica de *Al-'Ulyà* é, sem dúvida, o achado arqueológico mais importante oferecido pela *Casa das Bicas*. Sabendo-se que Loulé teria de ter pelo menos um estabelecimento deste género, como todas as urbes islâmicas, as circunstâncias que permitiram que chegasse aos nossos dias em tão bom estado de conservação, ao contrário do que aconteceu na maioria das cidades do actual território português, tornam este edifício excepcional do ponto de vista histórico e arqueológico. Em 1266, quando Afonso III concede Foral à cidade de Loulé, reserva para si vários edifícios públicos,

A escavação arqueológica da Casa das Bicas e o edifício do *hamman* de Loulé

Alexandra Pires, Isabel Luzia



Ilustração 3 - Detalhe da demolição

arcos em ogiva sustentados por capitéis decorados, entaipados numa parede interior de uma das divisões, que teriam sido vandalizados.

2. Trabalhos Realizados

A primeira etapa dos trabalhos consistiu na remoção de algumas paredes interiores que subdividiam as diferentes dependências, bem como a picagem de todas as paredes internas.

Observou-se especial cuidado na picagem e posterior desmantelamento da parede interior que dividia a primeira sala. Supunha-se ser aí o local onde tinham sido detectados três arcos góticos, suportados por quatro capitéis decorados, já publicados nos anos 80 do século XX (Martins e Matos, 1986). Os trabalhos de desmontagem da parede interna revelaram estes elementos arquitectónicos, vandalizados numa das suas faces, mas permanecendo intacta a parte que se encontrava no interior da parede (Ilustração 2 e 3). As bases destas colunas assentavam sobre um pavimento empedrado (calçada). Os materiais arqueológicos recolhidos associados a esta calçada apontam como data provável para a sua construção meados do século XV ou XVI.

Sob a fachada posterior do prédio foi posta a descoberto parte da muralha da cidade, destruída até à cota de pavimento do edifício contemporâneo, confirmando-se assim no terreno o traçado do perímetro amuralhado nesta zona. Neste local tinha sido já assinalada a localização de uma torre (Martins e Matos, 1986: 9,



Ilustração 4 - Vista parcial da cidade de Loulé, mostrando em primeiro plano o edifício da Casa das Bicas

Planta das Muralhas de Loulé), adaptada a terraço da vivenda e onde, em fotografia antiga se pode ver um estendal de roupa (Ilustração 4).

Esta torre, construída em pedra, não apresenta já a sua altura original, mantendo-se a sua cota superior ao nível dos telhados existentes. Actualmente acede-se a ela por uma escada a partir do antigo logradouro do edifício.

Com os trabalhos arqueológicos já efectuados foram sendo identificadas várias camadas de um aterro que anulou um edifício de época islâmica adossado à muralha da cidade. Este edifício, veio mais tarde a concluir-se, corresponde ao estabelecimento de banhos públicos (*hammam*) da cidade islâmica de *Al-'Ulyà*.

3. Os banhos islâmicos

Localizados normalmente junto às entradas das cidades, de modo a servir a população da cidade mas também os viajantes, os banhos públicos são essenciais à sociedade islâmica. No mundo islâmico o banho apresenta um carácter ritual e purificador, de acordo com os preceitos religiosos, mas também social. Os banhos constituem um elemento fundamental da vida cidadina, convertendo-se num local de convívio, sobretudo para as mulheres, que não dispõem de outros locais para socializar.

Homens e mulheres utilizam separadamente os estabelecimentos balneares (*hammam*). Nas cidades